

PISTA

PISTA

Uma investigação gráfica/espacial do uso
do espaço público por pessoas em situação de rua

PISTA

Uma investigação gráfica/espacial
do uso do espaço público
por pessoas em situação de rua



Escola Superior de Desenho Industrial
Centro de Tecnologia e Ciência
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Everton Avila de Lima
Professora Orientadora: Zoy Anastassakis

Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 2014

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 08

RESUMO 09

INTRODUÇÃO 10

JUSTIFICATIVA 13

OBJETIVOS 16

PESQUISA

1ª PARTE

Pesquisa de Projetos na área 19

2ª PARTE

Desenhando objetos na rua 23

3ª PARTE

Imersão Toca de Assis 27

Conclusões de pesquisa 31

DESENVOLVIMENTO

EXPERIMENTO 1

Descobertas 34

EXPERIMENTO 2

Diálogos 23

EXPERIMENTO 3

Decretos 44

CONSIDERAÇÕES 60

REFERÊNCIAS 61

AGRADECIMENTOS

À minha Mãe Reliane, a mulher mais inteligente do mundo, que com todo seu amor me apoiou em todos os meus passos e me ensinou a lidar com a vida.

Ao meu Pai Valdivino que me transmitiu toda sua calma e sabedoria para lidar com os problemas.

À minha irmã Leili que me viu crescer e sempre será meu exemplo.

À minha irmã Thamires que desejo um futuro maravilhoso.

Ao Dadado e Mau por todo amor e arte que compartilham comigo.

À Jéssica Barbosa, por partilhar comigo esta trajetória que foi e será longa.

Ao Daniel S. Lopes, Victor Dias, Jorge Badaue, Alex Lemos, Nelson Pinho e José Andreas que se jogaram no Experimento PISTA.

Ao Irmão Eli, Irmão Agostinho, Irmão João da cruz e Irmão Pio e todos os Leigos que abriram as portas da Toca de Assis.

À Priscila Moura, Julia Ariani, Thaís Chilinque, Priscila Manfredini, Tatiane Henrique, Danielle Nery, Massuel Bernadi, Fabiana Villar, Felipe Ribeiro, Fernanda Guizan, Beta Guizan, Yuli Anastassakis, Clara Juliano, Isis Daou, Rafo Barbosa, Raphael bandeira, Rosimeri Dias e Tamires Rodrigues com quem dividi o esforço e o intelecto do trabalho.

Aos companheiros de turma Andrea Pech, Diana Dias, Fernando Chaves, Flora de Carvalho, Lorena Murrey, Nathany Santos, Tiago Lombardi e Val de Castro que arremataram isso comigo.

À Tia Neide, Professora Sueli e Oswaldo David que me ajudaram a fazer um ótima trilha no conhecimento.

À Denise Felippo que me mostrou o bonito trejeito científico da pesquisa.

Ao Marcos Martins que oxigenou meu caminho acadêmico.

À Noni Geiger que me orientou as melhores direções.

À Eloisa Brantes que nunca foi minha professora, mas sempre me valeu como mestra.

Ao Grande Pedrão que sempre me inspirou e me incentivou à mirabolância.

À Zoy pelo grande comprometimento e sensibilidade que me acompanhou nessa jornada.

RESUMO

“Pista” é um projeto que após um série de pesquisas em campo com pessoas em situação de rua, desenvolve um experimento em três partes. A primeira pesquisando o espaço urbano com artistas, a segunda em diálogo com essas pessoas em situação de rua e a terceira amalgamando as duas primeiras e as transformando em uma sinalização para rua. Neste projeto a criação desses sinais é uma possibilidade de se abrir um diálogo que os transformem em produtores de conteúdos que permanecerão no espaço que habitam, questionando sua permanência/existência.

ABSTRACT

“PISTA” is a project that, after a series of field research with homeless people, was develop a three parts experiment. The first research the urban space with artists, the second create a dialogue with these people from the streets, for the third is amalgamating the first and second and transforming them into signs to the street. In this project the creation of these signs is a possibility of opening a dialogue to transform them into content producers that remain in their space inhabited, by questioning their stay / existence.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-Urbana, Pesquisa de campo, População de rua

KEY-WORDS

Urban-art, Field Research. Homeless

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, considero um privilégio não partir de um tema, e sim de um texto. “Design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência.” de Pedro Luiz Pereira de Souza, ou professor Pedrão, nos instiga a questionar o modus operandis do papel do designer como produtor de coisas e/ou conteúdos num mundo que já não se suporta tanto fisicamente quanto digitalmente.

A partir desse primeiro momento instigante, meu foco tornou-se a busca por grupos, sociedades e pensadores que se baseavam na escassez de recursos. Encontrei o americano Thoreau, que em 1854 publicou “Walden” (Tradução: A vida nos bosques), um relato sobre sua vida no bosque em contraponto à vida capitalista, exacerbada já naqueles tempos em que viveu. Outro que optou por deixar o sistema foi o inglês Mark Boyle, um economista que decidiu, após o término da faculdade, não usar mais dinheiro, e lançar um manifesto nomeado de “Moneyless Manifesto” (Tradução livre: Manifesto Sem Dinheiro). Além desses exemplos pontuais, encontrei outros, tais quais aldeias indígenas, que possuem uma organização na qual não se necessita de muitos materiais para sobreviver e constituir uma sociedade; ou os Nômades Digitais, pessoas que não possuem a necessidade de estar no mesmo local onde estão trabalhando, devido aos avanços das tecnologias de comunicação.

Mas o grupo pesquisado que me despertou maior interesse foram as pessoas em situação de rua, que estão presentes no meu dia a dia e fazem inexoravelmente parte da paisagem da cidade. A complexidade de se tratar deste assunto sem ter um fim assistencialista é muito grande, tendo em vista os percalços e a dureza de se viver nas ruas. Modificar o olhar para a essência e a motivação de cada indivíduo, tendo suas especificidades como valor para construção do meu trabalho final de graduação em design, era meu objetivo.

A partir desta motivação, fui buscar, através de uma pesquisa de campo, o que eles carregavam consigo de valor, pensando em usar o desenho como ferramenta para encontrar objetos com histórias e importâncias. Encontrei pessoas que possuíam muitas histórias, porém apenas algumas carregavam objetos e muitas outras não traziam quase nada. Seus objetos eram perdidos, roubados na rua ou abrigos e/ou, muitas vezes, levados pela ordem pública da prefeitura do Rio de Janeiro, restando-lhes apenas o que vestiam ao corpo.

Percebi que estava utilizando valores burgueses no julgamento a pessoas que estavam justamente quebrando este tipo de sistema. Até poderia encontrar em objetos tais valores, mas estes estavam expostos e vulneráveis. O mais importante, porém, era encontrar essas pessoas que se jogavam na cidade, em busca de um espaço de liberdade, mesmo sabendo de seus perigos e percalços.

Junto à Toca de Assis, uma fraternidade católica cujo carisma principal é a ajuda aos pobres em situação de rua, fiz inserções mais aprofundadas com conversas mais extensas com essas pessoas. Além das pesquisas de campo, tracei um paralelo com a pesquisa de Paulo Magalhães do IETS (Instituto do Estudo do Trabalho e Sociedade), que fez um levantamento quantitativo e qualitativo das pessoas em situação de rua no Centro, Largo do Machado e Leme, levando para um novo viés a pesquisa sobre o morador de rua, ao deixar de lado a observação das mazelas sofridas por essa população e buscar entender os proveitos de se morar na rua.

A “Pista”, como os próprios moradores de rua se referem aos espaços urbanos, não é um local próspero de liberdade para quem opta, ou não, por morar neles. O entendimento desses espaços como construções de antiliberdade está nas possibilidades limitadas de escolhas que já são expostas pelos projetistas. Neste cenário, a construção de liberdade dessas pessoas constitui uma fissura nesses espaços que não foram projetados para sua

JUSTIFICATIVA

moradia mas que passam a ser utilizados para tal. Esses indivíduos não podem ser oprimidos, pois a Constituição garante o direito de ir, vir, ocupar e permanecer nos espaços públicos, desde que sejam respeitadas as regras de boa convivência.

Após esse levantamento em que foram apontadas as diretrizes, foi desenvolvido o projeto “Experimento PISTA”, que se desdobrou em 3 fases. Na primeira fase artistas desenharam espaços para a cidade; na segunda as próprias pessoas em situação de rua, junto com alguns artistas, levantaram possibilidades de espaços e mensagens a serem fixadas; na terceira e última fase, as duas primeiras se mesclam e se fixam nesses espaços do chão, obtendo uma unidade formal e característica de sinais próprios da cidade com links para quem se interessar acessar o processo de feitura.

Este trabalho intenta levantar camadas de sentido e intencionalidade, que materializam pensamentos e sentidos num espaço construído para passagem. Esse desejo é inspirado pelo seguinte trecho do texto-base:

“Essa, bem levada a cabo, seria uma tarefa ao mesmo tempo política e poética: fazer ouvir o inaudível e dar visibilidade ao que não é visto. Será também um empenho filosófico, pois pede que se aprenda a ouvir no silêncio “seus acentos mais trágicos” e, ao mesmo tempo, transformá-los ‘por que não, numa esperança’.” (PEREIRA DE SOUZA, 2014, p.:7)

Neste projeto a construção de sinais e marcas visuais nos espaços urbanos, criadas pelas próprias pessoas que a ocupam, dormem nela e a vivenciam, investiga a potência do design e do poder público na construção social sobre os espaços da cidade que as ignoram e as querem ver fora dela.

A cidade do Rio de Janeiro possui como uma de suas características históricas a interseção e sobreposição de camadas sociais, em que áreas consideradas nobres são fronteiriças de lugares sem infraestrutura. Apesar da instituição pública municipal pensar em soluções para uma conjuntura estrutural desses espaços, como os programas favela-bairro e PAC, as ruas continuam a ser locais de agregamento de pessoas.

Nestes espaços urbanos pessoas que optam, ou não, por ocuparem estes espaços criam maneiras e vivências e seus motivos são bem variáveis, como explica Paula Rochlitz, que defendeu seu mestrado sobre o assunto, em entrevista para o jornal Zero Hora:

“As razões que levam alguém a adotar a via pública como moradia vão da perda de um emprego a um assalto na chegada a uma nova cidade, passando pela violência doméstica, abuso de álcool ou drogas e até mesmo uma desilusão amorosa.”(Zero Hora, 15/08/2014)

Este fenômeno não é uma característica de países pobres ou emergentes. Nas listas de cidades com maiores contingentes de pessoas em situação de rua, aparecem Nova York, Tokyo e Budapeste. Segundo o último Censo de População de Rua de 2013 realizado pela prefeitura do Rio de Janeiro a quantidade de pessoas dormindo em áreas públicas na cidade alcançou 5.580 pessoas, estando 33%, a maior parte, localizadas no centro.

Diante deste enorme contingente a preocupação das autoridades em relação a esta ocupação gera medidas que entram em choque com questões de direitos humanos, como mostra a reportagem a seguir:



foto 1

“Os dois se recusaram a entrar na van e tiveram que ser conduzidos, pelo braço, pelos agentes. Um deles conseguiu escapar e os agentes o perseguiram pela orla. Questionado pela Agência Brasil se os moradores de rua não estavam sendo coagidos ou sendo retirados à força pela prefeitura, o secretário alegou que muitos não tinham documentos e, por isso, precisavam levá-los à delegacia.”(Exame, 18/02/2014)

Além das remoções forçadas, o poder público e ações privadas hostilizam e atacam esses grupos de pessoas com medidas estruturais na cidade, como a instalação de grades em certas áreas, como foi realizado pelo proprietário de um prédio em Porto Alegre (foto 1), ou como a prefeitura de Belo Horizonte que gastou 6 mil reais para implementar pedras em um espaço embaixo de um viaduto para impedir sua utilização como abrigo (foto 2).

A depreciação dessa população mostra descaso. Rochlitz constata que se deve mudar a maneira afastada com que se olha para estes grupo pois: “Sua diversidade e complexidade resultam em uma equação tão simples quanto incômoda: qualquer pessoa é um morador de rua em potencial”(Zero Hora, 15/08/2014).

A pesquisa do sociólogo Paulo Magalhães para o Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade levanta novas questões sobre esses grupos. Depois de três meses em campo em três pontos da cidade com grande concentração dessa população (Centro, Largo do Machado e Leme) o pesquisador constatou que ela cria novas normas sociais em seu interior e, mesmo que inconscientemente, são considerados territorializados. Esses grupos normalmente permanecem na mesma área, criando relação com vizinhança e utilizando-se de sua assistência. Por meio desse vínculo, tornam-se inofensivos para os demais moradores, já que são conhecidos por todos.

JUSTIFICATIVA



foto 2

“Eles são, em primeiro lugar, territorializados. Eles se estruturam em grupos, desenvolvem relações de afeto, comemoram aniversários, datas festivas — menos o Natal, porque remete à família e aí ‘ferra’ com eles —, há uma forte vida grupal.”(O Globo, 18/12/2013)

Para Paulo Magalhães a solução não está na desapropriação e reestruturação dessas pessoas em abrigos, pois haveriam quebras de laços afetivos criados entre eles. Para Rochlitz estas medidas está no caminho contrário. Em vez de transformar a cidade num lugar inabitável para moradores de rua, deveria se ter uma outra proposta como indica na entrevista abaixo:

“É preciso fazer o oposto do que é feito hoje no sentido de impedir o uso pelas pessoas e tornar a cidade habitável ao morador de rua. Se ela for amigável a essa população, ela será amigável a qualquer usuário.” (Zero Hora, 15/08/2014)

O filósofo francês Henri Lefebvre, em seu livro *Direito à cidade*, nos aponta que vivenciar a cidade vai além de habitá-la:

“O direito à cidade manifesta-se como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitá-la e a morar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implícitos se no direito à cidade.” (LEFBREV, 2001, p:134)

Sendo assim, tenho como prioridade e insumo material o livre acesso a urbes no meu projeto de graduação numa faculdade pública de Design. A abertura de uma escuta para um diálogo sobre a cidade e seus habitantes é de caráter essencial antes de pensar qualquer projeto para ela.

OBJETIVOS

Como seria possível entender, mapear e transformar o espaço complexo que é uma cidade, a partir da visão de pessoas em situação de rua?

O fator principal é entender a complexidade da própria cidade e o espaço urbano sem fazer julgamentos a essas pessoas que estão nas ruas por opção, ou não. A dificuldade de entender o fator e as motivações de se morar na rua, se esbarra em entender o culpado, que talvez não seja um só, ou mesmo não exista, como levanta Renato Rezende ao discorrer sobre as questões da sociedade contemporânea no texto introdutório do livro Espaços Autônomos de Arte Contemporânea de Kamilla Nunes:

“Como um alien, o inimigo agora é difícil de ser identificado, sem corpo ou imagem definida, ele é ágil e diáfano[...]. O inimigo poderia ser qualquer um de nós... O inimigo não tem rosto, e como um Big Brother, está em toda parte e em lugar algum, em cada câmera de segurança, em cada transação com cartão de crédito, em cada curtida no Facebook, em cada notícia do jornal, em cada formulário, em cada momento de glória pessoal ou em que ignoramos a dor do próximo... E já seria ingênuo nomeá-lo “capitalismo”, ou mesmo “o mercado” [...]. Ele (há aqueles que duvidam de sua existência - teriam razão?) é tudo isso e ainda assim, nos escapa: quase inominável. Então poderíamos talvez definir que o que deve ser combatido seja certo dispositivo automático que nos abraça e nos embaça; o que tira o lustro, o que disfarça a potência para vender a falsa potência, o que nos mercantiliza e nos conforma” (NUNES, 2013, p.10).

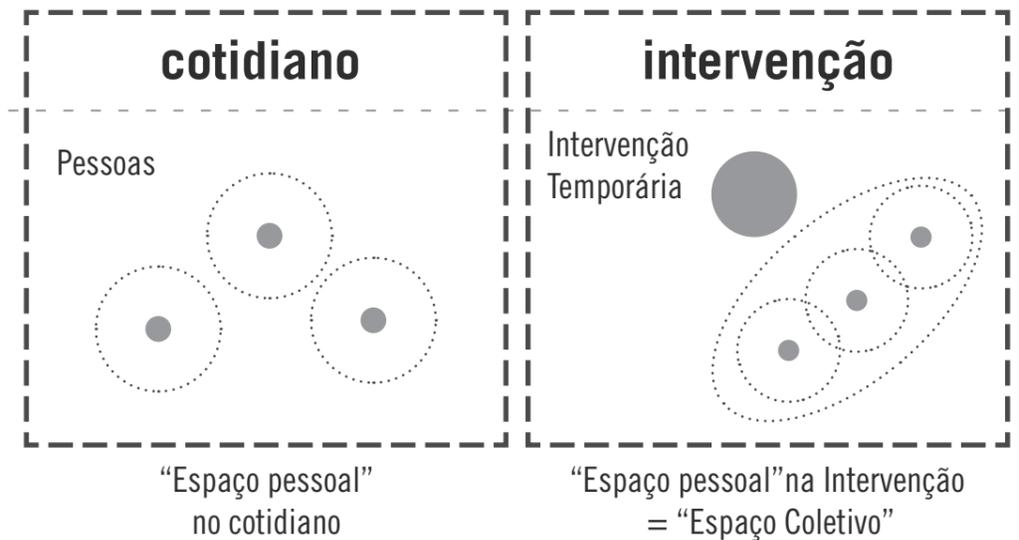
Saindo do foco da tentativa de solucionar um “tal problema”, pois, como Rezende aponta, é quase que impossível nomeá-lo, começo a tentar pensar em como funciona e quais são as questões imbuídas nessa vivência, entendendo esses lugares ocupados por essas pessoas como espaços vivos e a presença como um fator de atuação. Tim Ingold reforça em seu texto Trazendo as coisas de volta à vida que o habitar o mundo é, além de se relacionar com o mundo já imposto, uma forma de construção social desses espaços:

“Embora nós possamos ocupar um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. Habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação” (INGOLD, 2012, p.31).

Buscando explicitar e aprofundar esses processos de formação dentro da cidade, encontro ao longo do tempo manifestações artísticas e políticas, que se instalam nestes espaços reproduzindo, revelando e fixando pensamentos em suas superfícies.

A Intervenção urbana são formas artísticas que contestam o modo de funcionamento da cidade, fazendo, assim, um desvio do modo automático de seu andamento. Adriana Sansão Fontes mostra em sua pesquisa um gráfico de como a potência das intervenções alteram o desempenho rotineiro no espaço urbano.

ESQUEMA: Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária



“[...] as intervenções temporárias são uma das formas de se despertar esta conexão, ativando os corpos passivos e reduzindo o espaço pessoal entre eles. ‘O espaço pessoal refere-se à área com limites invisíveis que cerca o corpo, e na qual os estranhos não podem entrar’ trata-se de um ‘território portátil’ que o indivíduo leva consigo, que em certas ocasiões podem reduzir ou desaparecer’ ” (FONTES, 2013, p.26).

Sendo assim, através dessa forma de intervir na cidade, de ativar essas conexões sobre quem a vivencia, o que é dito também é relevante. O que será escrito e lido também são campos de criação como aponta Zumthor.

“[Umberto Eco] revela, na oposição significado-interpretante, o espaço em que se estabelecem e desdobram as relações complexas entre o leitor e o texto lido, bem como as estratégias de leitura. Estas últimas tendem a modificar, em alguma medida, o objeto proposto pelo autor, por que não há homologia nem entre as competências em jogo (escrever; ler)” (ZUMTHOR, 2006, p.26).

Desta forma, transpor a criação do conteúdo da intervenção para a prática com os moradores das ruas se faz necessário. Depois de um período de pesquisa em campo, que será descrita no próximo capítulo, se formatou o “Experimento PISTA”, que se desenvolveu junto a dois grupos, um de artistas intervencionistas urbanos e outro de pessoas em situação de rua, para, em conjunto, idealizar uma sinalização nas ruas da cidade que circunscrevam suas vivências invisíveis.

PESQUISA

Para desenvolvimento deste projeto, onde o contato direto com essas pessoas era necessário, se desenvolveu uma pesquisa em três etapas: a primeira foi um levantamento de projetos que já atuam na rua junto a essas pessoas; uma segunda parte se deu em incursões na rua para levantamento de informações através do desenho; e uma terceira parte ocorreu em parceria com a comunidade Toca de Assis.

1ª parte - Pesquisa de projetos na área

A maior parte destes projetos são religiosos e de fins assistencialistas, que tendem para uma recuperação dos moradores que por vezes não querem ser recuperados. Busquei projetos que vão na contra-mão do assistencialismo forçado e a busca do “salvamento”, e que levem soluções criativas para estas questões. Apresento aqui alguns projetos.

PROGRAMA PROXIMIDADE (2013/2014)

Idealizado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), o programa visa atender os usuários de drogas psicoativas em situação de rua na região do Complexo da Maré e Lapa, deixando em áreas abertas uma tenda onde os usuários podem ter acesso a oportunidades para deixar a dependência química.



Fotos Divulgação Prefeitura do Rio

“Entendemos que todos têm o direito de exercer sua cidadania, independente de suas condições socioeconômicas. Todos devem ter acesso à informação e aos meios que garantam os serviços da política de Assistência Social. Esse é o papel do Proximidade, estreitar o contato com a população, com diferencial de estarmos indo até essas pessoas. Levamos a escuta qualificada e garantimos o acompanhamento das demandas priorizadas pelo sujeito e não pelos profissionais”, disse Adilson Pires, Vice Prefeito, (Retirado do website da prefeitura)

Esse programa se destaca de outras oportunidades levantadas pela prefeitura por não ter um caráter impositivo, como usualmente os poderes públicos interferem nestes casos.

RIO INVISÍVEL (2014)

“Rio Invisível é um exercício diário de enxergar a vida pelas ruas da cidade - redirecionar o olhar para os que estão ali” assim a página de facebook do projeto o descreve. Inspirados em uma iniciativa paulista, a chamada São Paulo Invisível, o publicitário Nelson Pinho e a jornalista Yzadora Monteiro, ambos de 23 anos, criaram uma página no Facebook para chamar atenção para as pessoas que vivem nas ruas e contar suas histórias. Há dois meses eles começaram a percorrer as ruas do Rio de Janeiro, conversando e fotografando pessoas. As histórias estão sendo publicadas há um mês na página Rio Invisível. O projeto já se desdobrou em pelo menos outras três capitais: São Paulo, Fortaleza e Curitiba.



“Meu nome é Dillon, tenho 40 anos. Estou na rua desde os 10. Briguei com a minha tia e saí de casa. Eu já não tinha pai e nem mãe. Fui crescendo e crescendo na rua, e foi aqui que eu aprendi a namorar.” (Retirado da página do Rio Invisível)

“LAVA MAE” (2014)

Um projeto inovador criado pela ativista Doniece Sandoval oferece chuveiros itinerantes em ônibus adaptados especialmente para mais de 6 mil moradores de rua de São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos, dando oportunidade de higiene a pessoas que estão longe de ter condições de vida dignas.

A finalidade do Lava Mae engloba fornecer saneamento básico, diminuir os potenciais problemas de saúde pública, e, talvez o ponto mais crítico, prestar um serviço necessário para ajudar a população a lutar. Em essência, o Lava Mae proporciona o que as Nações Unidas e a Organização Mundial de Saúde consideram um direito humano básico: o acesso à água e ao saneamento. Cada um dos 8 ônibus, que custou uma média de US\$75 mil, é equipado com 3 chuveiros, vestiário e banheiros com capacidade de oferecer de 300 a 500 banhos por semana. Em vez de pagar altos preços em imóveis na cidade de São Francisco, Doniece Sandoval optou por adaptar ônibus e expandir a possibilidade de levar higiene às pessoas sem que elas tenham que se locomover até certo ponto.

O Lava Mae recebe doações das comunidades para aumentar as oportunidades de fazer o projeto acontecer todos os dias e está em processo de expansão para implementar a ideia em outras cidades.



RAINCITY (2014)

Alguns bancos das praças de Vancouver, no Canadá, ganharam telhados inovadores e especiais, pela empresa RainCit, que fez essa ação para divulgar seu trabalho com moradias para quem precisa. A placa dupla, que traz informações sobre o RainCity, pode ser levantada, funcionando como uma proteção para a chuva. Além disso, na parte interna, o morador de rua tem acesso ao telefone do abrigo e a uma mensagem que o incentiva a procurar a ajuda que é oferecida.

Em uma das placas, durante o dia é possível ler “Este é um banco”. Contudo, uma tinta especial que só pode ler lida à noite avisa, quando o sol se põe, que “Este é um quarto”. O projeto e as mensagens de impacto, que dão visibilidade à questão dos moradores de rua, foram criadas pela agência Spring Advertising.



2ª parte - Desenhando objetos na rua

A partir de uma primeira fase de pesquisa, estava interessado em buscar quais eram os objetos que as pessoas em situação de rua carregavam consigo. E quais eram as histórias que esses objetos carregavam. Estava interessado em como o consumo de objetos se dava nessa população.

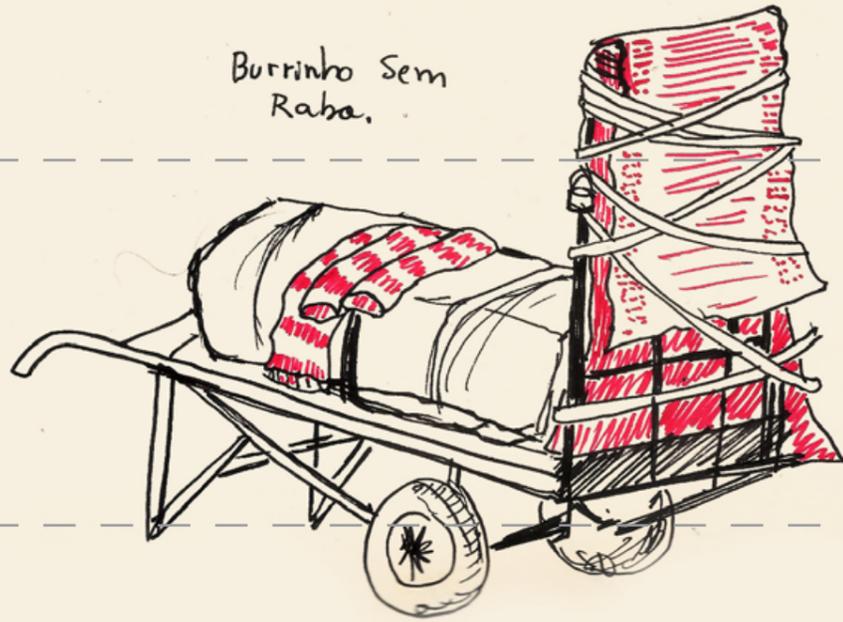
A partir dessa motivação, busquei no método de pesquisa da Professora Kucshiner uma forma de ir para rua:

“O desenho foi apontado como um excelente ‘disparador de conversas’ entre antropólogos e seus interlocutores. Abrir o caderno e compartilhar imagens no momento em que são produzidas revelou-se um convite ao diálogo — um contraste com situações em que uma câmara foi tratada com desconfiança e afastamento. Os alunos constataram também que o ato de desenhar fez com que ficassem por mais tempo e com mais calma e paciência no campo. O caderno e os materiais foram, além disso, objetos de apoio que deixaram os pesquisadores menos solitários e desconfortáveis naquelas situações tão frequentes na pesquisa etnográfica [...]; ou, dito de outra forma, o próprio ato de desenhar tornou-se ‘algo a fazer’: um modo de observar e registrar dados, a partir do qual informações não apenas visuais, mas de todas as ordens, se tornam mais acessíveis” (KUCSHINER, 2014).

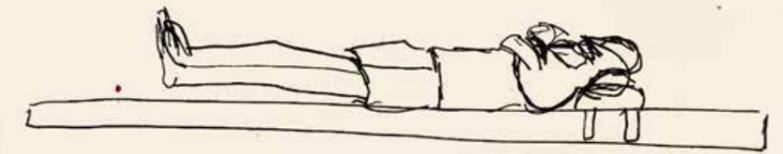
Foram cerca de 5 idas à rua, 10 horas em média, nas quais emergiram conversas sobre o desenho, apenas desenhos, ou apenas observação.

Cláudio -
Ru

Burrinho Sem
Raba.



21.09 . praça da cachaça

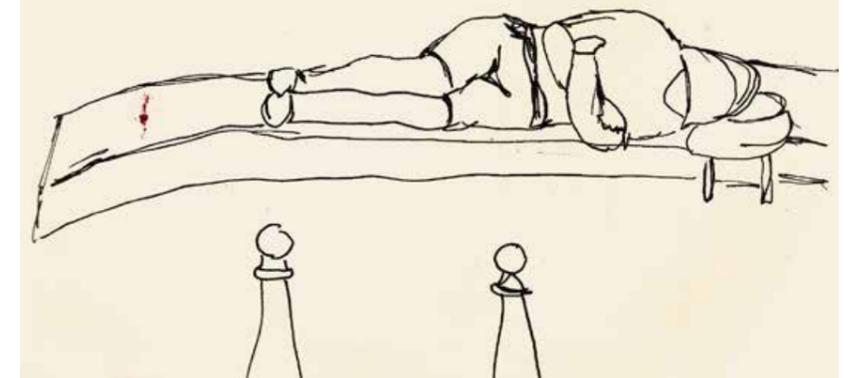
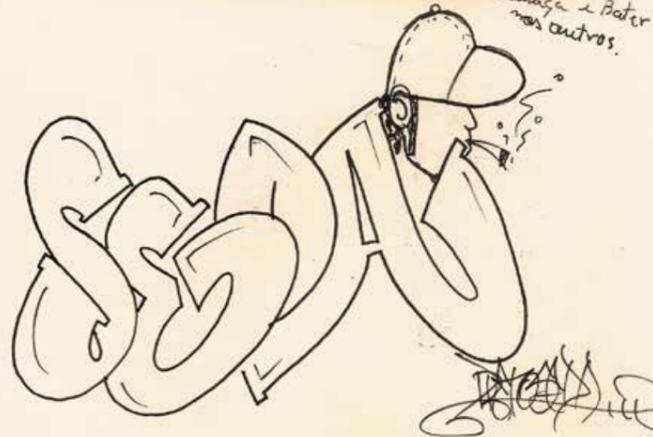


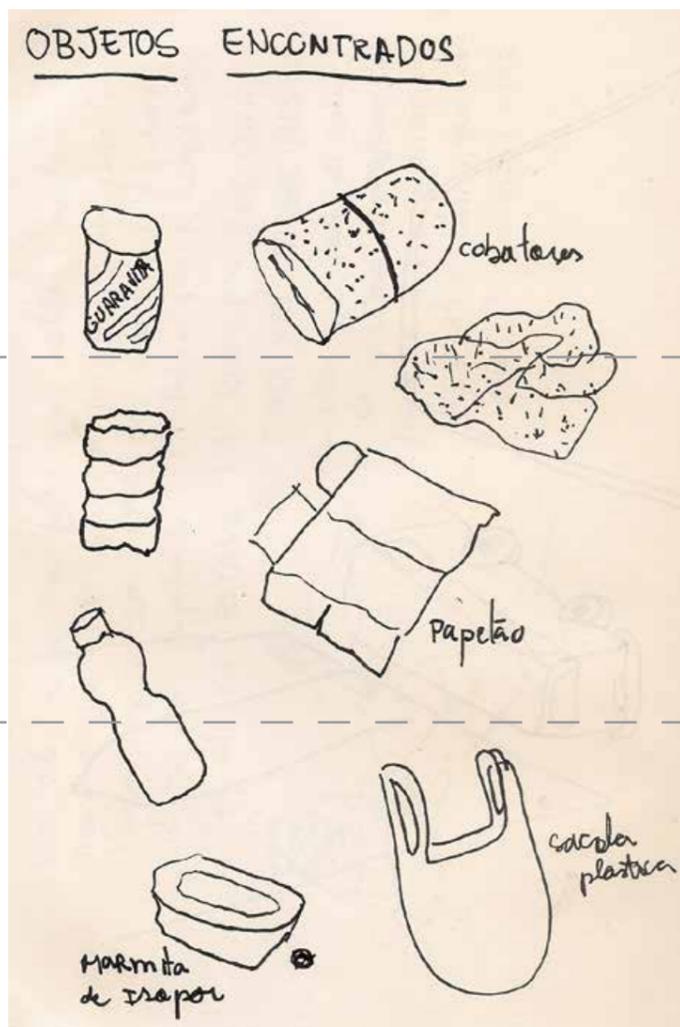
21.09

Senti na praça
Tiradentes, e
pedi pra um homem
que estava sentado
no banco p/ desenhar
sua pulseira.
Seu nome é Otávio,
Vieira da Bahia, e mora
no Rio a 5 anos.



Ele é grafiteiro e
manda uns rap de
vez em quando. acha
que a força do Rap no
Rio n' é tão forte quanto
em SP. Atrás começa
um briga entre um senhor
e uma mulher que
estavam olhando.
Perguntei se ele
continuava, ele
disse que sim,
o Baiano, a cara mais
velha que gosto de
Beber cachaça e bater
nos outros.





3ª Parte - Imersão na Toca de Assis

Levando em conta a dificuldade de levantar conversas consistentes e aprofundadas no modelo que estava seguindo anteriormente, fui buscar grupos que já trabalhavam com pessoas em situação de rua.

Encontrei a Toca de Assis (ou Fraternidade de Aliança Toca de Assis), um movimento religioso católico romano com espiritualidade franciscana, fundado na cidade de Campinas/SP, em 1994. O carisma (missão) da Toca é a adoração ao Santíssimo Sacramento e o amor ao pobre sofredor de rua, resgatando e protegendo pessoas em situação de extrema pobreza e abandono social. A Toca de Assis conta com várias casas de acolhimento e de atendimento aos pobres no Brasil e duas em Quito, Equador. A "Toca" é constituída por: Religiosos dos Institutos de Vida Consagrada, Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, e também pelos LEIGOS, pessoas que vivem na vida laical (que constituem famílias, trabalham, estudam, etc).

Para se tornar Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, deve-se entrar para o vocacionado e frequentá-lo durante cerca de cinco anos. Após esse tempo, para se consagrar, é necessário fazer três votos: castidade, obediência e pobreza. A escolha desse grupo se deu pelo fato de tentar compreender a relação dessas pessoas que se desvencilham de suas vidas (relações e materiais) para alcançar pessoas que tem pouco.

Através de uma ampla rede de doares pela cidade, a Toca de Assis, recebe alimento e dinheiro para fazer a manutenção de suas casas. Existem alguns Irmãos e leigos responsáveis por fazer um levantamento de possíveis apoiadores, e manter a relação criada por eles.

A rotina da fraternidade acontece da seguinte forma: às quartas-feiras de 8h as 15h em Benfica, zona norte do Rio de Janeiro, se dá o dia do bom samaritano, que consiste em receber pessoas necessitadas e prover alimento, higiene, saúde e auxílio civil (auxílio com documentações); as pastorais de rua, que são investidas pela cidade para distribuição de algum mantimento (comida, roupas e cobertas) e não possuem dia nem hora certa, pois dependem do fluxo de doações recebidas; e, aos domingos, acontece o dia da sopa, em que são preparados mais de 200 litros de sopa, para ser distribuída com pães em dois pontos do centro do rio, próximo a igreja da candelária e atrás da central do Brasil.

DOS PONTOS POSITIVOS:

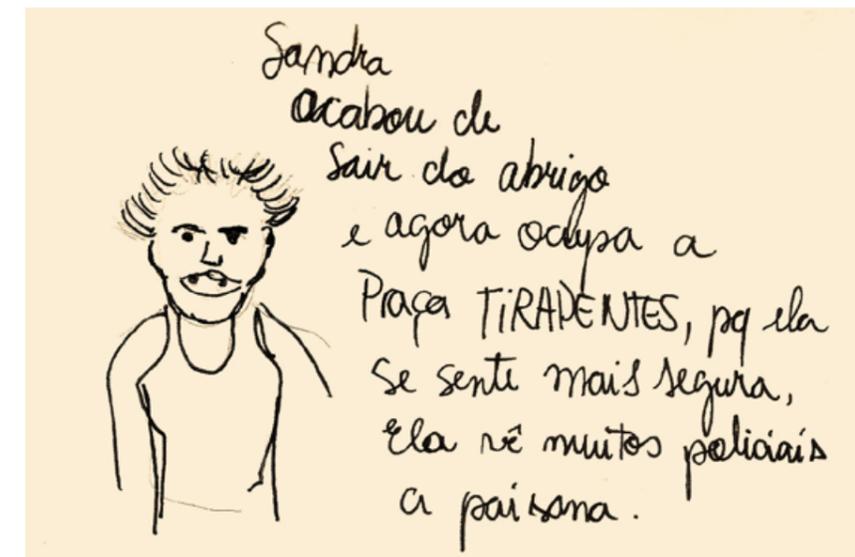
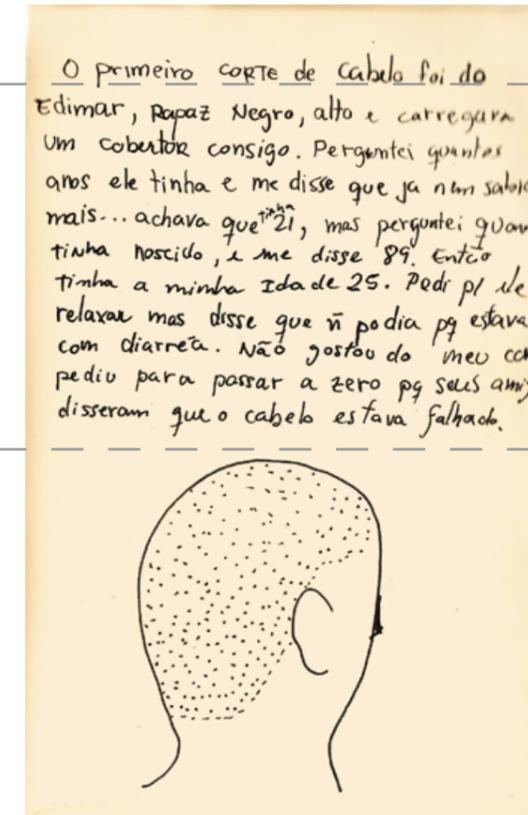
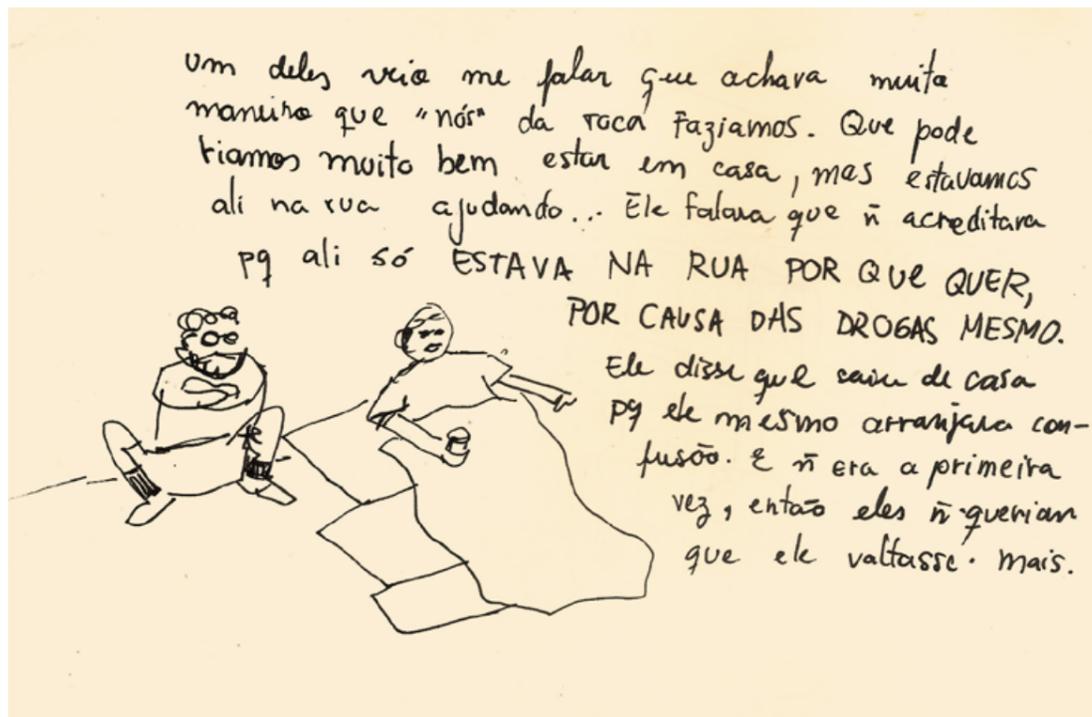
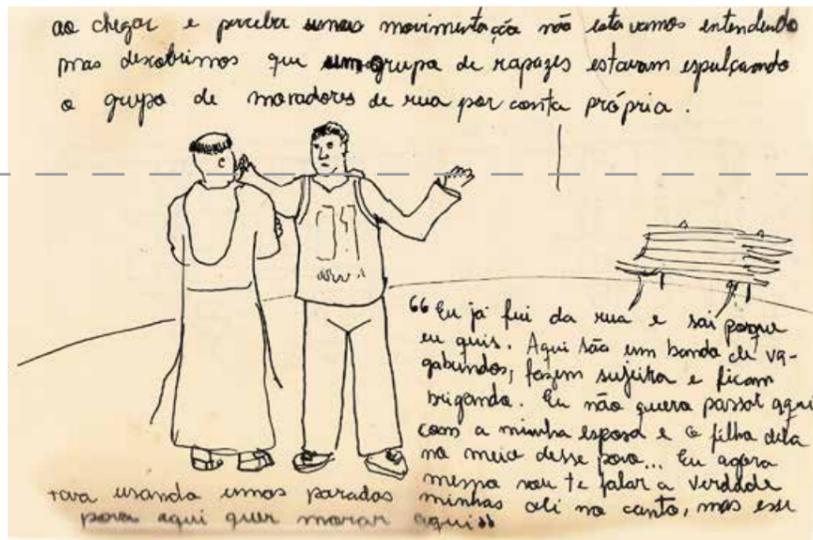
- Reinterpretar a realidade e adicionar camadas no momento da feitura
- Se ocorre uma representação, quem é representado se sente lisonjeado
- Registro visual simbólico

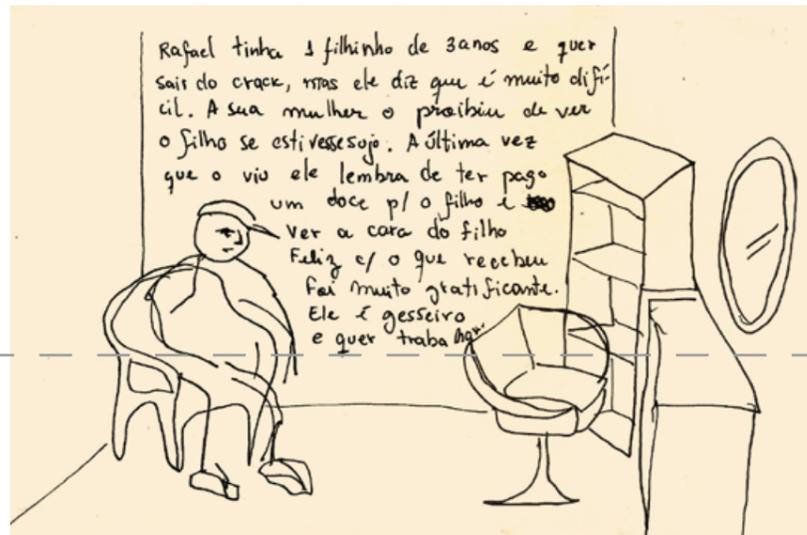
DOS PONTOS NEGATIVOS:

- Atividade solitária em alguns momentos
- Restrição de horários comerciais, mais seguros para pesquisa
- Perca do foco no momento da conversa
- Posição de "artista" que criou por vezes distanciamento e desconfiança

METOLOGIA UTILIZADA

Vendo que as últimas práticas utilizadas, com desenhar in loco, estavam atrapalhando um contato direto e escuta dessas pessoas, como o foco do processo estava na vivência e não na captação de imagens, resolvi ir a campo sem nenhum instrumento de captação. Fiz o registro posteriormente em desenhos e frases que tinham sido escutadas, encarando o fato da perda da memória como processo de construção e edição do discurso. A seguir seguem algumas partes do caderno de campo posterior.





O tempo e a rua.

Quando estão nas ruas uma atitude que sempre se repete é a pergunta da hora. Me pergunto e porquê mas acredito que a condição age.

goda da
afirma de outros
está atrelada aos horários
que elas acontecem.

Conclusões de pesquisa

Durante o processo de pesquisa em suas três etapas foram surgindo possibilidades de projetos que se relacionavam com a literatura em curso e com os objetivos levantados. Todas essas possibilidades foram levadas e debatidas em orientação. Segue aqui algumas ideias descartadas.

Varal pic-nic: Estrutura variante que se montasse em certos locais onde as pessoas pudessem compor um varal com suas necessidades que seriam debatidas.

Desenhar mapas com moradores de rua: mapear junto à população locais e espaços apropriados para certos tipos de atividades como higiene, relações sexuais e alimentação.

Desenhar Brasões: ao passar a frequentar a rua, se estabelecem entre essas pessoas vínculos por afinidade, que são transformados em pequenos grupos que se consideram uma família, mesmo sem relação consanguínea. O projeto identificaria essas relações e desenharia essa árvores e seus brasões.

Tópico LIBERDADE

A presença da sensação liberdade dessas pessoas em situação de rua foi o ponto mais forte da pesquisa. O embate do morar nas ruas, que presume certa quebra de regras regidas pela sociedade, se confronta com o espaço urbano, que possui suas próprias restrições e suas leis, por vezes implícitas socialmente. Colocar em choque as vontades dessas pessoas e as ordens impostas pelo espaço urbano é o mote para desenvolvimento do projeto Pista que será descrito na próxima sessão.

DESENVOLVIMENTO DE PROJETO: Experimento Pista

A partir dos insumos de pesquisa e de todas as ideias que surgiram foi levantado como proposta evidenciar vontades e questões das pessoas em situação de rua através da construção de “Pistas” para a cidade.

A partir da abstração de que essas pessoas se dão por territorializadas, como situa Paulo Magalhães, se configurou a ideia de se trabalhar com elementos que fossem inscritos no chão. O solo público, espaço que pertence a todos, é a plataforma escolhida, no intuito de propor um pertencimento aos que passam pelas mensagens.

As mensagens serão construídas a partir do encontro de pessoas em situação de rua e artistas que tem como matéria o espaço urbano. O encontro com artistas se dá pelo fato de que a construção dessas “pistas” se viabilizaria através do diálogo. Estes encontros criam uma conjuntura para a construção dos textos como revela Zumthor:

“O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. [...] ele existe à imagem do meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro.” (ZUMTHOR, 2014. p.:27)

Portanto a construção desse experimento será efetuado em três partes sucessivas:

EXPERIMENTO 1 - Descobertas;

EXPERIMENTO 2 - Diálogos;

EXPERIMENTO 3 - Decretos.

Nas páginas seguintes será demonstrados como cada etapa do projeto se deu.

EXPERIMENTO 1 - Descobertas

Para essa primeira etapa era necessário entender como era possível intervir na cidade, através de inscrições em seus pavimentos. Convoquei artistas que trabalham com arte urbana ou que se deparem com questões da arte contemporânea para participarem de um experimento dividido em três ações que são descritas na cartilha abaixo, que foi distribuída entre os participantes. Compareceram Eloisa Brantes, Fabiano de Freitas, Maurício Lima, Victor Dias, José Andreas e Jorge Badaue. Foi escolhido o horário de 11pm para atuação pelo fato de a cidade está “adormecida” para que pudessem ter uma atuação de interferência maiores. Foram usados giz, fita crepe, fita de solo, canetas atômicas e Pincéis marcadores como materiais de interfeência por serem práticos de usar e não terem intuitos de depredação. A ação se deu durante 2 horas e percorreu três espaços pré-estabelecidos entre a Cinelândia e a Lapa.



TEXTO DA CARTILHA

EXPERIMENTO PISTA - Uma investigação gráfica-espacial do uso do espaço público

Quem anda no trilho é trem de ferro,
sou água que corre entre as pedras:
liberdade caça jeito.

Manoel de Barros

Esse experimento foi construído a partir da visão dos habitantes de rua, uma visão diferenciada onde o que interessa é sua visão de liberdade nestes espaços. A “pista”, como eles chamam a rua, o local dos “maloqueiros”, conflui em sua potência a liberdade e o aprisionamento.

O entendimento do espaço urbano como construções de anti-liberdade está na possibilidades limitadas de escolhas que já são expostas. Neste cenário a construção dessa liberdade dos moradores de rua nestes espaços constitui uma fissura onde espaços que não foram projetados para sua moradia são utilizados como tal. Porém não podem ser consternados pois perante a lei a constituição garante o direito de ir, vir, ocupar e permanecer nos espaços públicos desde que sejam respeitadas as regras de boa convivência.

Neste experimento, a possibilidade de se construir regras através de sinais visuais, e suas ações sobre estas ou não, investiga a potência do design e poder público na construção social sobre os espaços urbanos.

AÇÃO:

Construção e vivência de “Pistas”, demarcação das superfícies urbanas, por dois grupos (A e B) em 3 áreas determinadas no mapa nas seguintes etapas:

Etapa 1 - O Grupo A projetará um espaço com os materiais providos enquanto o Grupo B ficará de fora. Ao final da construção o Grupo A se retira e observa o Grupo B atuando no espaço construído.

Etapa 2 - O Grupo B atuará no espaço, utilizando reminiscências da Etapa 1 e adicionando novas ações nos primeiros 10 minutos. O Grupo A entrará no espaço após esses 10 minutos e criará as ações segundo as ações do Grupo B.

Etapa 3 - Ambos os grupos atuam e inscrevem sobre o espaço.



Construído a partir da visão dos habitantes de rua, uma visão diferenciada onde o que interessa é sua visão de liberdade nestes espaços. A “pista”, como eles chamam a rua, o local dos “maloqueiros”, conflui em sua potência a liberdade e o aprisionamento.

O entendimento do espaço urbano como construções de anti-liberdade está nas possibilidades limitadas de escolhas que já são pre-concebidas. Neste cenário a construção dessa liberdade dos moradores de rua nestes espaços constitui uma fissura onde espaços que não foram projetados

para sua moradia são utilizados como tal. Porém estes não podem ser consternados pois perante a lei a constituição garante o direito de ir, vir, ocupar e permanecer nos espaços públicos desde que sejam respeitadas as regras de boa convivência.

Neste experimento, a possibilidade de se construir regras através de sinais visuais, e suas ações sobre estas ou não, investiga a potência do design e poder público na construção social sobre os espaços urbanos.



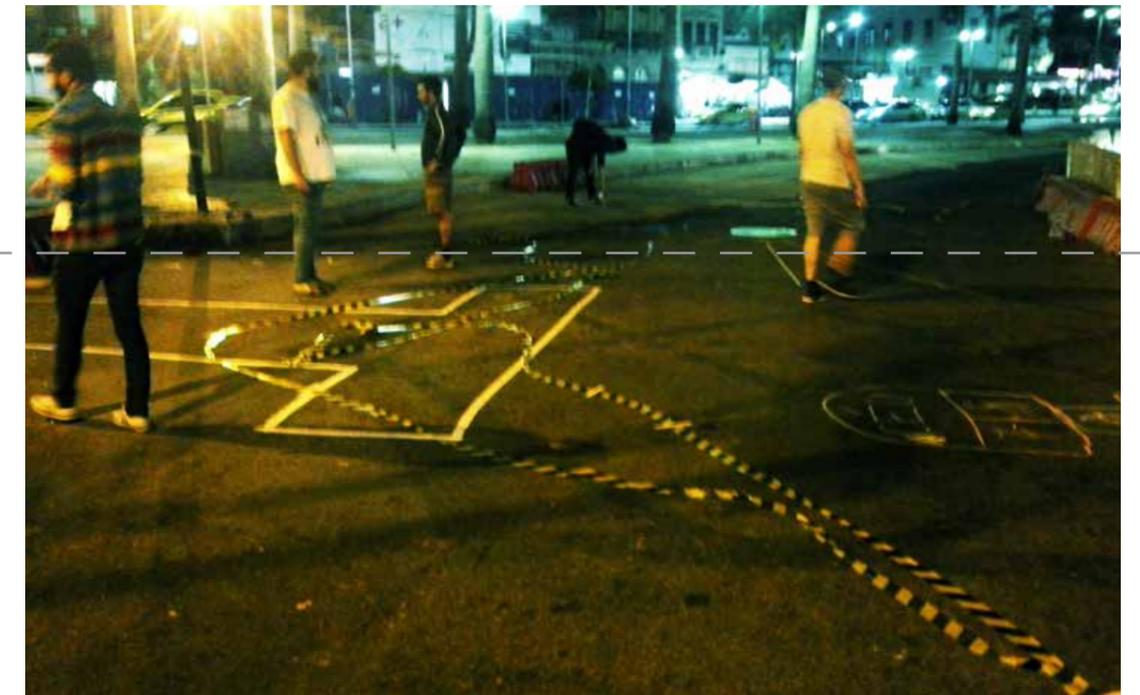
AÇÃO:

Construção e vivência de “Pistas”, demarcação das superfícies urbanas, por dois grupos (A e B) em 3 áreas determinadas no mapa nas seguintes etapas:

ETAPA 1 - O Grupo A projetará um espaço com os materiais providos enquanto o Grupo B ficará de fora. Ao final da construção o Grupo A se retira e observa o Grupo B atuando no espaço construído.

ETAPA 2 - O Grupo B atuará no espaço, utilizando reminiscências da Etapa 1 e adicionando novas ações nos primeiros 10 minutos. O Grupo A entrará no espaço após esses 10 minutos e demarcará as ações segundo as ações do Grupo B.

ETAPA 3 - Ambos os grupos atuam e inscrevem sobre o espaço.



Conclusão e levantamentos do EXPERIMENTO 1 - Descobertas

Foi muito frutífero a experimentação de criação coletiva de espaços pela cidade. Levantaram questões sobre o experimento possuir tantas etapas, e ao final já não fazia mais sentido. Apenas a ação de criação de espaços e utiliza-las como bem quisessem. Os materiais foram bem aproveitados, mostrando versatilidade para todas as superfícies como árvores e plásticos.

Para o segundo experimento continuaremos com os mesmos materiais.

EXPERIMENTO 2 - Diálogos

Após efetuado o EXPERIMENTO 1 - Descobertas, se planejou efetuar o EXPERIMENTO 2 em diálogo com pessoas em situação de rua para criação de espaços e marcas no chão.

Foi decidido que se manteria a presença dos artistas, pois a presença impulsionaria a interlocução para criação desses espaços. Compareceram Fabiano de Freitas, Mauricio Lima, Daniel S. Lopes, Alex Lemos, Nelly Coelho e Nelson Pinho dos quais dois haviam participado do experimento anterior e os demais estavam a par de todo processo realizado no EXPERIMENTO 1.

Para abordagem das pessoas na rua, foi pensado que o estímulo de criação das ações não se sustentaria por motivação criacional ou de pesquisa de imediato, por se tratar de uma abordagem de um desconhecido. Então para estabelecer um vínculo foi estipulado que a abordagem seria a proposição de trato para desenvolver um trabalho de faculdade, sendo remunerado com R\$15 cada um.

Os materiais continuariam os mesmos do Experimento anterior.

Foi encontrado três pessoas pelo percurso. Carlos, que estava próximo a uma pilha de papelão, e Paulo que estava ao seu lado. Logo em seguida se juntou Marcelo, que estava próximo a marquise da saída do metrô. A proposição se executou durante cerca de 45 minutos, num espaço interditado pelo sistema de trânsito do Rio que esta em mudanças.



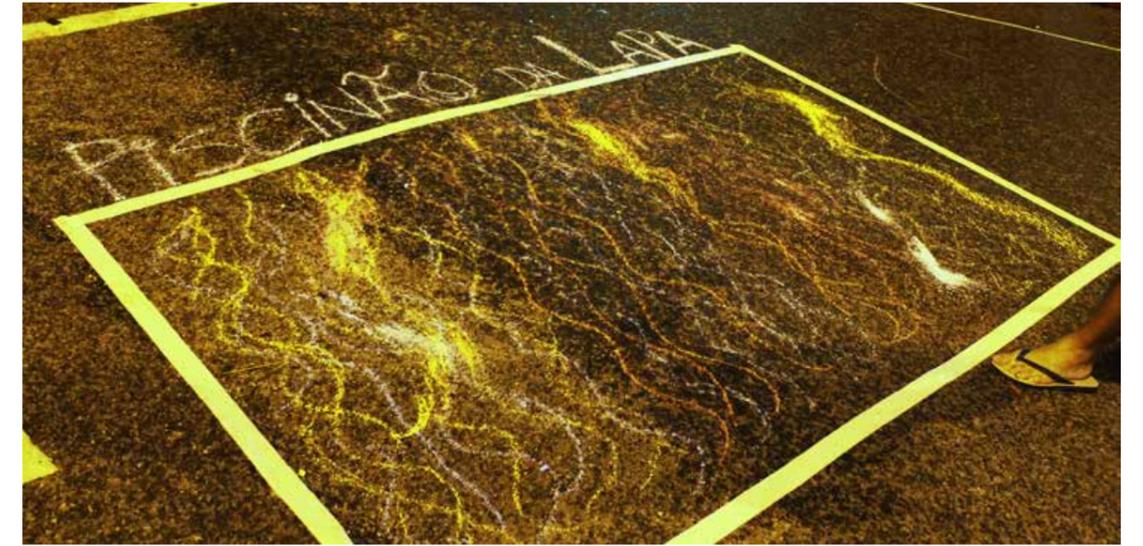
Marcelo escolhendo cores
Foto: Nelson Pinho



Carlos e Nely
definindo espaços
Foto: Nelson Pinho



Carlos escrevendo uma mensagem
Foto: Nelson Pinho

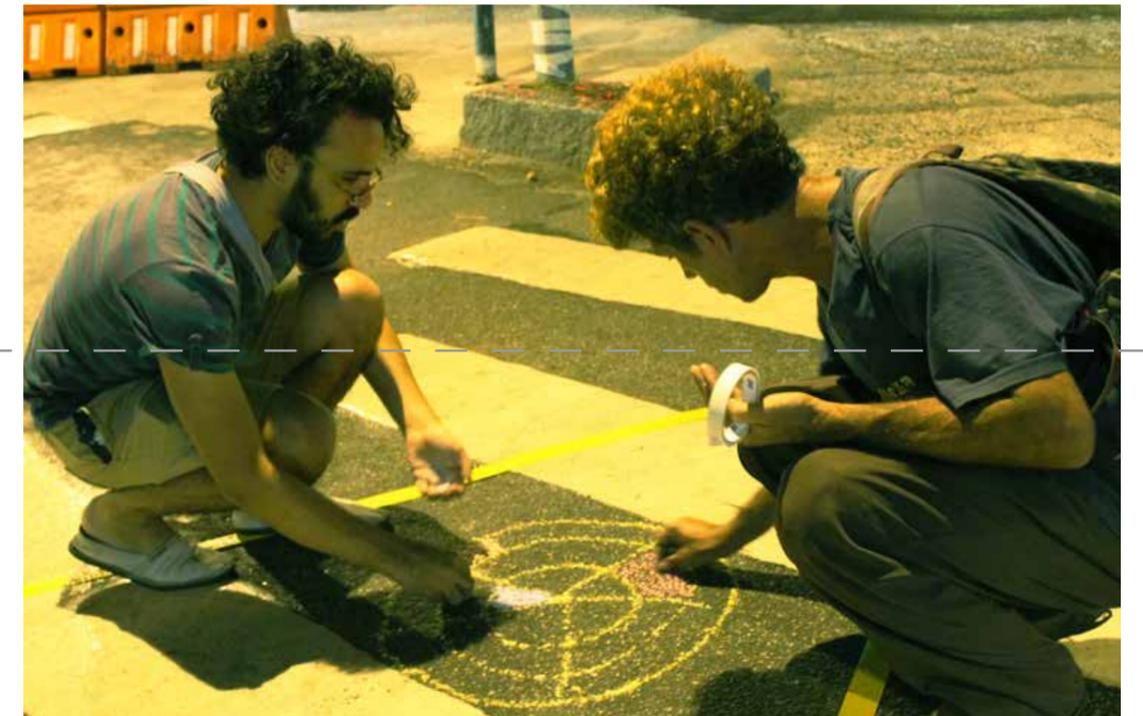


Piscinão da Lapa
Foto: Nelson Pinho

Paulo demarcando junto a Maurício
Foto: Nelson Pinho



Construção de Mandala para Harém
Foto: Nelson Pinho





Espaço do Carlos
Foto: Nelson Pinho



Espaço do Marcelo
Foto: Nelson Pinho



Espaço do Paulo
Foto: Nelson Pinho

Conclusão e levantamentos do EXPERIMENTO 2 - Diálogos

O resultado desse experimento foi acima das expectativas. O encontro e o diálogo com essas pessoas fluíram e houve um espaço de escuta entre todos os participantes. Dentre os três participantes houve uma diversidade na produção de áreas. Onde Carlos tinha insumos mais políticos, Paulo com mensagens filosóficas e Marcelo com escritos mais psicodélicos.

Alguns não conseguiram escrever por si só, mas tiveram auxílio dos participantes.

A ação de escrever em áreas na cidade unidos com pessoas que dormem e permanecem nelas se mostrou muito frutífera no levantamento de insumos não-diretos para pesquisa.

EXPERIMENTO 3 - Decretos

A partir das duas primeiras fases do Experimento PISTA (Descobertas e Diálogos) pode se criar insumos consistentes de mensagens criadas para a cidade, tanto pelos artistas no primeiro momento quanto em contato com pessoas em situação de rua no momento posterior. Nesta terceira etapa se alinhavou o material gerado pelas fases anteriores, e gerou o EXPERIMENTO 3.

Esse novo serão Decretos por carregar características oficiais do sistema de trânsito, como suas formas e cores. Fazendo uma alusão aos sinais oficiais porém com conteúdo subtraído de diálogos com essas pessoas que pertencem a esses espaços.

Esses etapa foi realizada dentro do evento ARREMATE, exposição com a intenção de colocar alguns trabalhos de conclusão de curso da ESDI/UERJ em contato com o público antes de sua finalização. Foi muito rico os levantamentos apontados em conversas sobre o trabalho, além de observar a interação dos corpos com as peças.

Levantamento de símbolos do 1º experimento

TENSÃO O CÉREBRO

ESDI ①

corridor

SINTA-SE EM CASA

PASSADO

FUTURO

PULE

SEM

OLHAR

OLHAR

SEM

PULE

DESCE

SOBE

EMPINA E REBOLA

DESFILÉ - DESFILE - VOCE e LINHA

colocar no passeio ②

DESCANSE DE SI

OLHAR SEM PULE

NOSSA SABEDORIA TINHA QUE SER MAIS VALORIZADA

ESDI RUA ⑧

Sissy that Walk Bitch

Dã Pinta, Viado

③

Levantamento de símbolos do 2º experimento

Área de FESTAS & LAZER

DANÇAR SE MANUSEAR SE EXPRESSAR INSTRUMENTALMENTE CONFORTO

HIARÉM

COISAS COLETIVAS OK

MÍSTICAS OK

ENERGÉTICA OK

FORTIFICAR OK

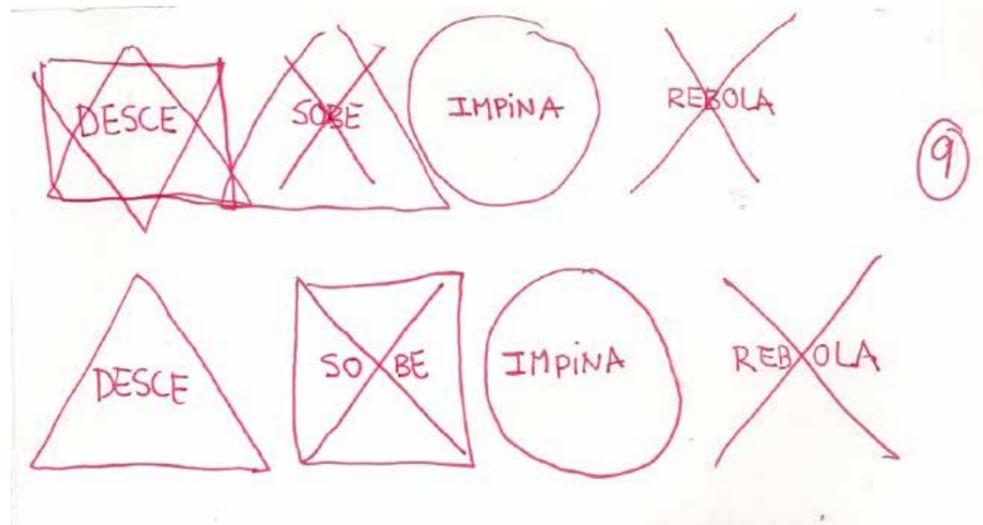
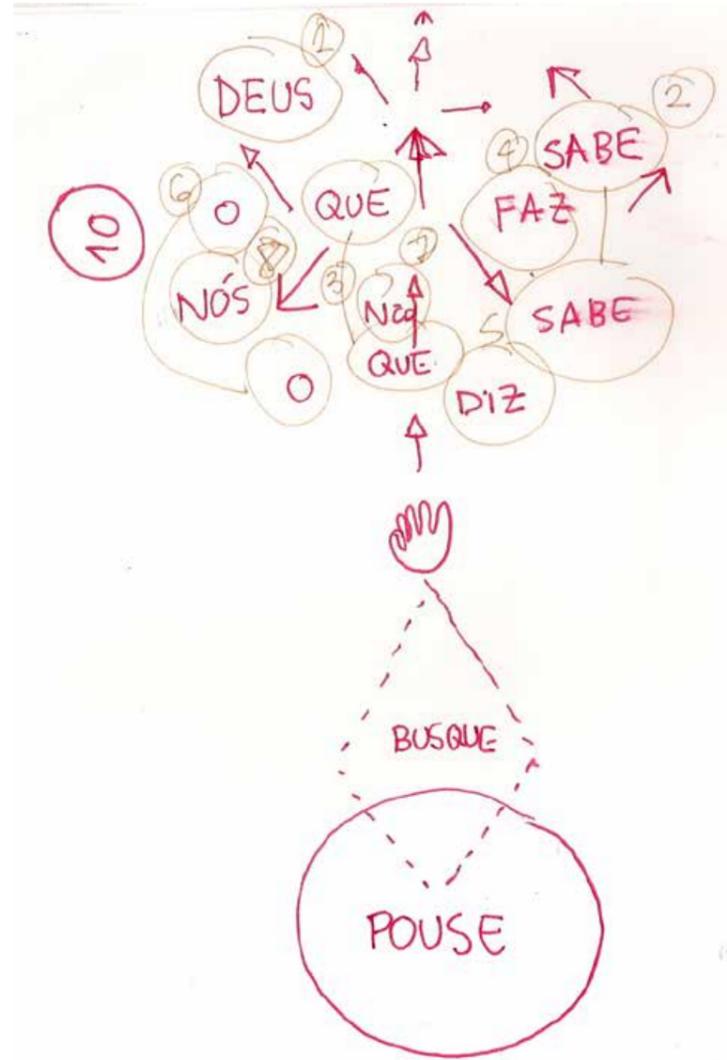
FANTASIAS MÍSTICAS & HISTÓRICAS OK

EFEITOS VISUAIS

DEUS SABE O QUE FAZ E NÓS NÃO SABE O QUE DIZ *ESDI

a FORÇA da Sua INVEJA é a velocidade da meu SUCESSO

⑧



TIPOGRAFIA E TAMANHO

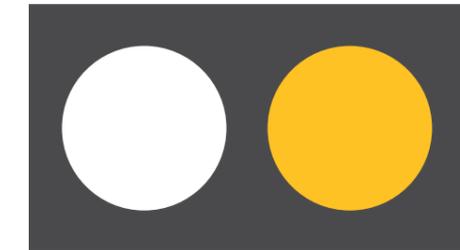
Para desenvolvimento de todo material textual se pensou em usar uma tipografia sem serifa que já provesse a natureza de stencil. O tipo Gunplay, que pode ser adquirida na internet gratuitamente, foi usada por atender a demanda. Toda as tipografias ficariam padronizadas criando um elo e identidade entre as peças.

Foram escolhidos dois tamanhos, um grande (600PT) para mensagens que se sustentavam sozinhas, e outro em tamanho menor (350PT) para usar de suporte. Foram impressas e coladas em papel cartão para se construir stencil das palavras escolhidas.

GUNPLAY

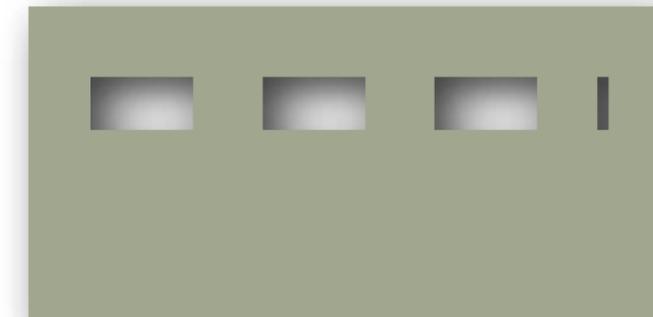
Cores

Como referência aos sinais de trânsito que usam as cores amarelo e branco por terem um contraste com o asfalto. Foram escolhidas essas duas cores pois a aplicação dos stencils foram em asfalto puro. E já possuíam outros elementos da mesma cor, o que criava uma ligação interessante ao mesclar as interações ao espaço.



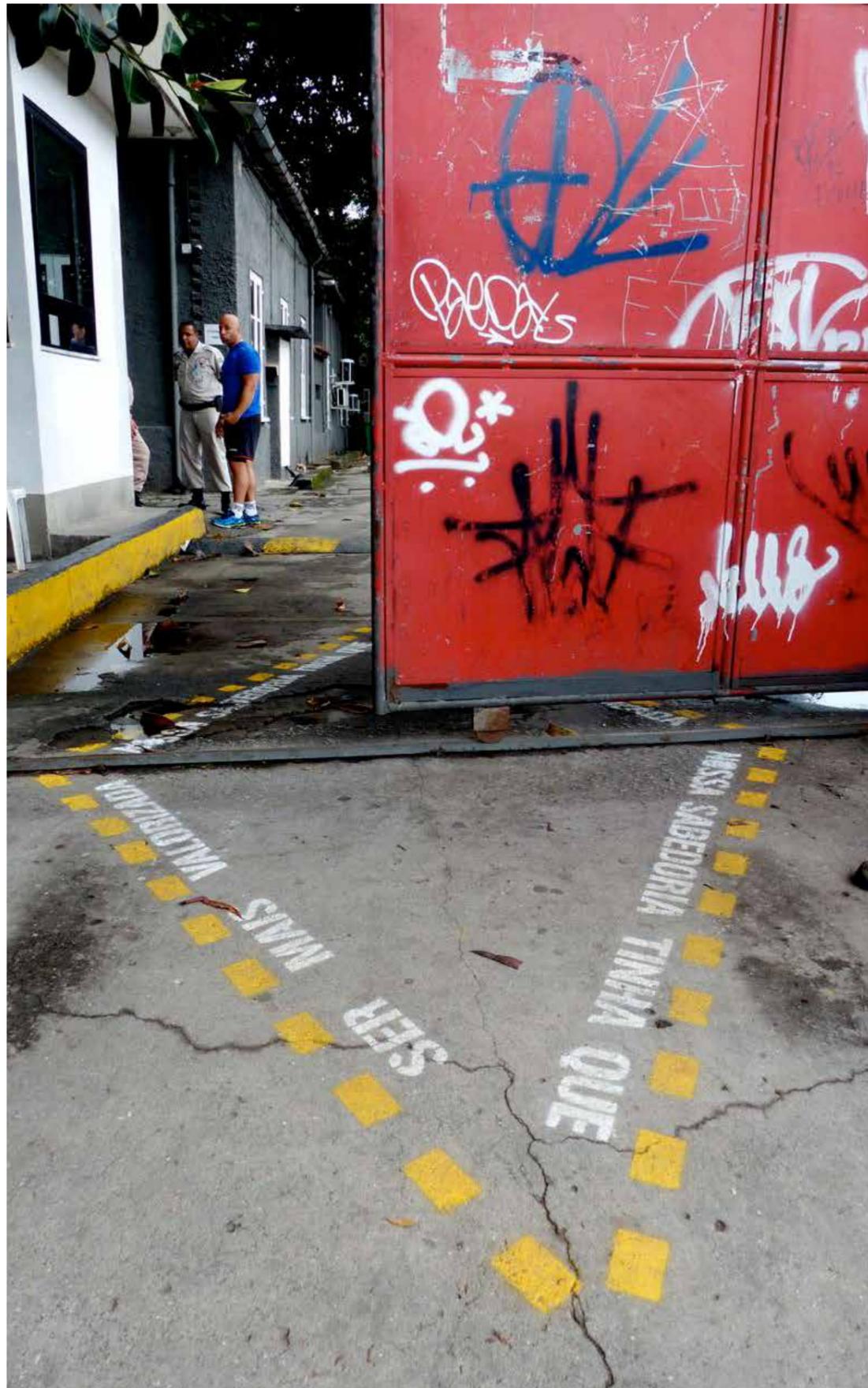
Molde

Construi um molde de papel paraná com o molde de uma faixa zebraada vazada para aplicação em diversas areas diversas vezes.





Processo de construção



Entrada da ESDI

foto: Silvia Steinberg



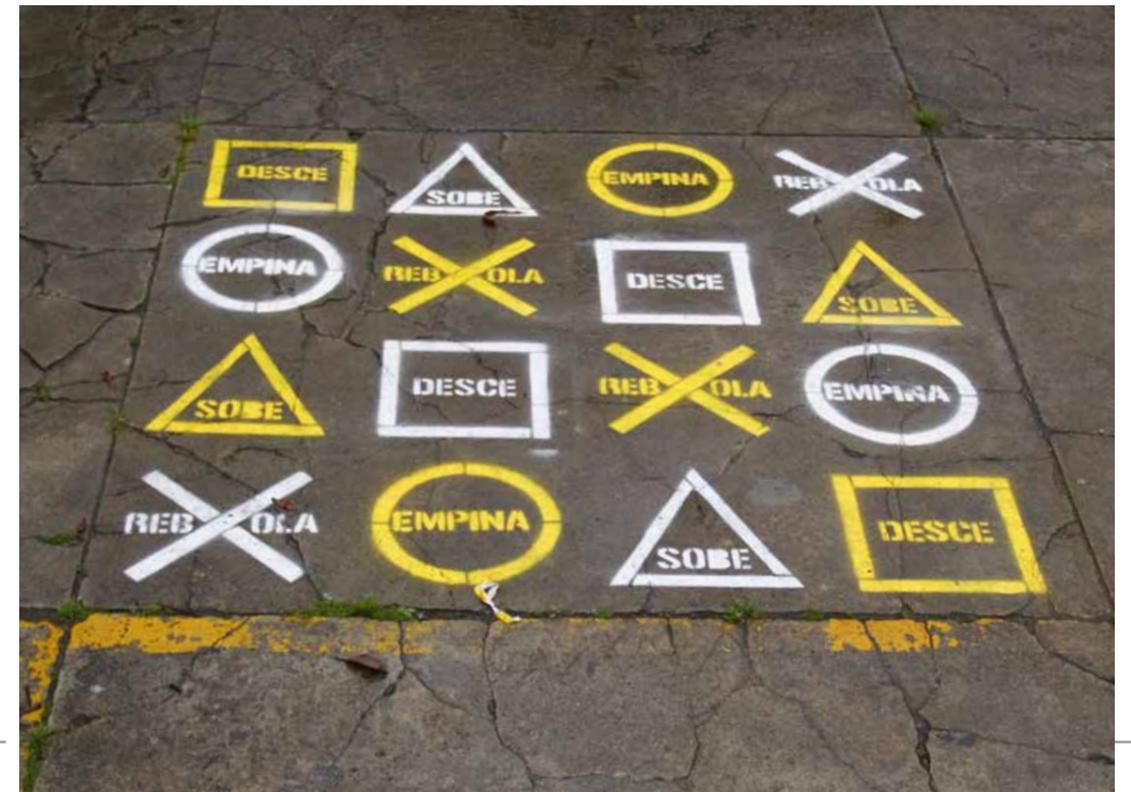
Início do Boulevard
Foto: Zoy Anastassakis



Fim do Boulevard
Foto: Zoy Anastassakis



Estacionamento ESDI
Foto: Gabriel Borges



Estacionamento ESDI
Fotos: Gabriel Borges



CONSIDERAÇÕES

A proposta de enxergar o vazio me fez encontrar coisas muito mais próximas do que imaginava. Após um percurso longo de pesquisa, e de não definições me fez ampliar minhas possibilidades de ação. O Projeto “Experimento PISTA” teve em toda sua concepção a porosidade e escuta para se delinear a partir de demandas da investigação, entendendo esses princípios como regras para um diálogo com a cidade, como aponta Ingold em seu texto. “[...] as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (INGOLD, 2012. p.:29).

A proposta de abrir um diálogo em contraponto à guerra a essa população se firma em visualizar nas ações dessas pessoas construções políticas e poéticas, que também são importantes para a cidade, e também precisam “vazar” para o mundo.

Concluo essa graduação em Design com plenitude e esperança que o ofício do designer, aquele que projeta, deva estar atento a todas as superfícies, não só as que já existem, mas igualmente as que terá responsabilidade em criar.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Matéria de Poesia*. Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: LeYa, 2013.

FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2013.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n.37, p.25-44, jan/jun, 2012.

KUCSHINER, Karina. *Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa*. Cadernos de Arte e Antropologia, Salvador, Vol. 3, No 2, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centaur, 2001.

NUNES, Kamilla. *Espaços autônomos de arte contemporânea*. [Texto introdutório de Renato Rezende: Entre a tragédia e a farsa: estratégias contemporâneas de artistas] Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

PEREIRA DE SOUZA, Pedro Luiz. *Design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência*. Texto inédito disponibilizado para os alunos como proposta para projeto de graduação na Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 2014.

THOREAU, Henry David. *Walden, ou, A vida nos bosques; e, A desobediência civil*. 7.ed. São Paulo: Ground, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DOCUMENTOS

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). *Censo da População de Rua 2013*, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4576565/4118206/PesquisaCenso.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

NOTÍCIAS

ABDALA, Vitor. *Prefeitura do Rio tira moradores de rua para coibir delitos*. Exame, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/prefeitura-do-rio-tira-moradores-de-rua-para-coibir-delitos>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

VARGAS, Bruno. *E se Porto Alegre se adaptasse aos moradores de rua?*. Zero Hora, Porto Alegre, 15 Agosto de 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2014/08/e-se-porto-alegre-se-adaptasse-aos-moradores-de-rua-4575098.html>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

VIEIRA, Bruno. *BH é líder em assassinatos de moradores de rua*. BBC Brasil, Belo Horizonte, 5 de outubro de 2012. Disponível: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121005_palanque_ruabh_bg.shtml>. Acesso em: 4 dez. 2014.

WREDE, Catharina. *Sociólogo fala sobre a experiência de viver um mês com moradores de rua no Rio*. O Globo, Rio de Janeiro, 18 dezembro de 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/sociologo-fala-sobre-experiencia-de-viver-um-mes-com-moradores-de-rua-no-rio-11098922>>. Acesso em: 4 dez. 2014.

WEBSITES E BLOGS

<http://www.moneylessmanifesto.org/>

<https://www.facebook.com/rio.invisivel>

<http://www.hypeness.com.br>

